

Resultados: Durante a pandemia da COVID-19, foram observadas 2147,11 internações, 6,59% de mortalidade nas internações e R\$ 2.284.781,40 gastos com internações por gripe influenza. Esses números representam aumentos de 29,62%, 74,93% e 78,2%, respectivamente, nas médias de 1656,51 internações, de 3,77 % na taxa de mortalidade e do valor total de R\$ 1.282.138,43 gastos com internações pela gripe influenza, os quais foram observados nos primeiros nove meses dos anos de 2017 a 2019. No ano de 2020, as faixas etárias de 80 anos ou mais, 70 a 79 anos e 60 a 69 anos obtiveram, 428, 329 e 258 óbitos, que representam, nessa ordem, aumentos de 72,85%, 179,6% e 268,57%, em comparação aos últimos três anos.

Conclusão: O atual estudo cumpriu seus objetivos, com o foco na análise da situação do vírus influenza, no período da pandemia em 2020 e os três anos anteriores, verificando o aumento das internações, taxa de mortalidade e dos gastos hospitalares. Também, buscou analisar as dificuldades no diagnóstico e de coinfeções com a influenza, juntamente com a pandemia da COVID-19, o que causou atraso nas notificações e confirmações dos casos que, consequentemente, resultou em mortes e piores desfechos dos casos clínicos. Embora seja uma pandemia da atualidade, foi possível analisar a necessidade de maiores preparos para esse cenário, com investigações e monitoramento de cepas virais, para haver posteriormente medidas de prevenção e controle.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101957>

EP 222

ANÁLISE TEMPORAL DAS CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS E LABORATORIAIS DE PACIENTES COM SUSPEITA DE ARBOVIROSES ATENDIDOS EM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO NO PERÍODO DE 2012 A 2019

Júlia Carmo Vilela, Nicole Zanzarini Sanson, Kelly Cristina Santos, Francielle Inácio Schiavoni, Luciana de Almeida Silva Teixeira

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, MG, Brasil

Introdução/Objetivo: As arboviroses são doenças com alta prevalência e um problema de saúde pública no Brasil. O vírus Dengue é o agente responsável por epidemias recorrentes ao longo dos anos e, a partir de 2015, os vírus Zika e Chikungunya se colocaram como etiologias relevantes para arboviroses no país. O objetivo deste estudo foi caracterizar, clínica e laboratorialmente, pacientes com suspeita de arbovirose atendidos em hospital universitário, comparando o período entre 2012-2015 (principal suspeita etiológica Dengue) com o período de 2016-2019 (incluindo na suspeição Zika e Chikungunya).

Métodos: Os dados foram obtidos das fichas de atendimento em ambulatório de dengue do HC/UFTM específicas para pesquisa, de prontuários, fichas de notificação e

informações do Gerenciador de Ambiente laboratorial da Fundação Ezequiel Dias (GAL/FUNED).

Resultados: Entre 2012 e 2015 foram identificados 128 casos suspeitos de dengue atendidos no HC/UFTM dos quais 113 (88,3%) confirmaram esse diagnóstico, entre 2016 e 2019 dos 122 indivíduos identificados com suspeita de arboviroses, 54 (44,2%) confirmaram diagnósticos: 35 de dengue, 15 de Zika e 4 de Chikungunya. Apresentaram classificação clínica de dengue com sinais de alarme ou grave 62 dos casos atendidos entre 2012 e 2015, dos quais 51 (82,2%) foram confirmados como dengue. Já entre 2016 e 2019, 22 pacientes foram classificados à admissão hospitalar como dengue com sinais de alarme ou grave, dos quais 12 (54,5%) confirmaram dengue e 10 não fecharam o diagnóstico. Os sintomas mais frequentes para os casos confirmados de dengue foram febre, cefaleia e mialgia, e para os de Zika e Chikungunya foram exantema e prurido. Entre 2012 e 2015, cada paciente dos 113 com diagnóstico de dengue fez em média 4,3 hemogramas, dos quais foi evidenciado pelo menos um valor alterado de hematócrito em 17 (15%) deles e de plaquetopenia em 80 (71%). Entre 2016 e 2019, dos 35 pacientes com diagnóstico de dengue, a média de hemogramas realizados foi de 3,6 por paciente dos quais apenas 1 (3%) veio com alteração do hematócrito e 27 (77%) com plaquetopenia. Dentre os 68 pacientes com suspeição de arboviroses e sem diagnóstico confirmado, apenas 1 (1,5%) apresentou alteração de hematócrito e 11 (16,2%) apresentaram plaquetopenia.

Conclusão: Apesar dos casos suspeitos atendidos revelarem alguns elementos norteadores do diagnóstico etiológico das arboviroses, ainda há espaço para ferramentas mais eficientes voltadas a essa finalidade.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101958>

EP 223

ARBOVIROSES, NO ESTADO DA BAHIA, DURANTE A PANDEMIA DE COVID 19: UM ESTUDO COMPARATIVO

Luiza Helena Castro Souza Lopo^a, Elias Santos Guerra^b, Tatiana Cibelle de Souza Silva^a, Milena Gama Chaves^a, João Marcelo Leite de Faria^a

^a Centro Universitário UniFTC, Salvador, BA, Brasil

^b Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: As doenças causadas por arbovírus ainda são de grande preocupação, sobretudo em regiões de clima tropical, como no Brasil, que são endêmicas. São agravos que demandam muita atenção, principalmente nas medidas preventivas. Diante disso, com todas as atenções voltadas para o novo coronavírus, é também necessário não deixar em segundo plano os casos de arboviroses. O presente estudo tem como objetivo descrever a situação epidemiológica dos casos e arboviroses na Bahia durante a pandemia de covid 19 no ano de 2020.

Métodos: Trata-se de um estudo epidemiológico observacional e retrospectivo, realizado na capital do estado da Bahia, Salvador, em que foram selecionados o número de casos das arboviroses: Dengue, Zika e Chikungunya notificados nos anos de 2019 e 2020 na Superintendência de vigilância em Saúde (SUVISA).

Resultados: No ano de 2019 foram notificados 11.193 novos casos de dengue em Salvador, enquanto no período de 2020 foram notificados 11.975, representando um aumento de 6,98%; foram registrados também em 2020: 1446 novos casos de Zika, representando um aumento de 56,66% quando em comparação com o ano de 2019; os casos de Chikungunya no ano de contabilizaram 12.918, representando um aumento de 191% quando comparado com o período de 2019 onde foram notificados 4.433.

Conclusão: Diante do exposto, torna-se notório que as arboviroses constituíram um desafio para a saúde no Estado da Bahia durante o período de pandemia do COVID-19. Além disso, uma vez que durante a pandemia da Covid-19 foi priorizado medidas de prevenção contra essa nova doença, existe a possibilidade de que as medidas de saúde pública voltadas para a prevenção das arboviroses tenham sido, em algum grau, negligenciadas. Nesse sentido, os resultados obtidos no estudo revelam a importância da implantação e melhoria das medidas de promoção da saúde mesmo durante a pandemia a fim de, sobretudo, controlar o vetor das doenças e consequentemente diminuir os índices de pessoas acometidas por alguma arbovirose.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101959>

EP 224

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA SÍFILIS GESTACIONAL E CONGÊNITA DA REGIÃO SUL DO BRASIL DE 2015 A 2019 - PANORAMA DIAGNÓSTICO E DE NOTIFICAÇÃO

Natâmy Nakano, Ester Namie Hanai, Aline Sauzem Milano, Larissa Schneider, Simone Blythe Williams, Solena Ziemer Kusma

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil

Introdução/Objetivo: A sífilis é uma infecção curável causada pela bactéria *Treponema pallidum* de transmissão sexual, sanguínea e vertical. A sífilis não tratada na gravidez é uma grande causa de morbidade e mortalidade, além de sífilis congênita. É um indicador de acesso à saúde ao mostrar falhas de diagnóstico e tratamento durante o pré-natal, bem como dificuldades de controle da Infecção Sexualmente Transmissível na população geral. Na Portaria nº 33 (14/07/2005), a sífilis em gestantes tornou-se um agravo de notificação compulsória no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Nos últimos anos, o Brasil vem apresentando uma crescente na taxa de sífilis, em 2019 a detecção foi de 20,8/1.000 nascidos vivos. Nesse sentido, a região Sul se destaca por ter taxa superior à do Brasil com 23,7/1.000 nascidos vivos em 2019. Frente a isso, buscamos

identificar o número de casos de sífilis gestacional e congênita nos estados da região Sul do Brasil e descrever o trimestre do pré-natal que foi diagnosticada a sífilis gestacional.

Métodos: Trata-se de uma pesquisa retrospectiva, quantitativa, via coleta de dados no SINAN (Datasus). Foram extraídos dados referentes à: incidência da sífilis gestacional e congênita de 2015 a 2019 no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e número de casos de gestantes com sífilis segundo idade gestacional por ano de diagnóstico. Os dados foram organizados e analisados no programa Microsoft Excel.

Resultados: Percebe-se um aumento dos casos de sífilis gestacional nos estados analisados. Por outro lado, os casos de sífilis congênita se estabilizaram entre 2017 e 2019. No Rio Grande do Sul, houve uma onda de crescimento de sífilis gestacional acentuada de 2015 a 2019, passando de 19,6 para 32,8/1.000 nascidos vivos. A idade gestacional foi ignorada em 17% das notificações nesse estado, enquanto foi de 1% no Paraná e de 3% em Santa Catarina. O número de casos detectados foi maior no primeiro trimestre gestacional em todos os estados analisados.

Conclusão: Segundo o Ministério da Saúde, a triagem da sífilis gestacional deve ser solicitada na primeira consulta de pré-natal (1º trimestre). O diagnóstico precoce é essencial, já que quanto mais cedo for o tratamento, menor a chance do desenvolvimento da sífilis congênita, como foi observado nos três estados analisados. Ademais, a notificação correta é preciso para a vigilância desse agravo e medidas de enfrentamento, tendo em vista o quadro do Rio Grande do Sul.

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2021.101960>

EP 225

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS CASOS NOTIFICADOS DE HTLV NA BAHIA NO PERÍODO DE 2010 A 2019

Tatiana Cibelle de Souza Silva, Luiza Helena Castro Souza Lopo, Lara Torres Pinto Brito, Livia Ferreira dos Santos, Igor Oliveira Sacramento, Lara Lorryne Freitas Gomes, João Marcelo Leite de Faria, Everton da Silva Batista

Centro Universitário UniFTC, Salvador, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: O Brasil é a nação onde encontra-se, em número absoluto, os maiores índices de indivíduos portadores do vírus HTLV. Até o momento, quatro subtipos de vírus são conhecidos, sendo o HTLV tipo 1 e tipo 2 os mais significativos em termos de epidemiologia e patogênese. Em escala global, o HTLV-1 é o principal responsável por infecções em humanos e está intimamente relacionado à ocorrência de várias doenças. O presente estudo objetivou descrever o perfil epidemiológico dos casos notificados de infecção causada pelo vírus T-linfotrópico humano (HTLV) no estado da Bahia.

Métodos: Trata-se de um estudo epidemiológico observacional e retrospectivo, realizado no estado da Bahia, em que